

JARDINS DOMÉSTICOS E SEU IMBRICAMENTO COM A AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES E EVOCAÇÃO DE MEMÓRIAS

NATALIA BERMUDEZ GODINHO¹; CRISTIÉLE SANTOS DE SOUZA²; CARLA RODRIGUES GASTAUD³

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel – nataliabgodinho@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPel – cristiele.hst@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - UFPel – crgastaud@gmail.com (orientadora)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um breve relato da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), cujo tema aborda os jardins domésticos e seu imbricamento com a memória e identidade. Ressalta-se que a pesquisa não se detém nos aspectos estéticos dos jardins, nem em conceitos de paisagismo, mas sim, busca compreender o papel dos jardins domésticos de moradores de São Lourenço do Sul/RS, como elemento de afirmações/construções identitárias e evocações de memórias, através de práticas culturais relacionadas aos jardins e seus usos.

Nesse sentido, o trabalho leva em consideração alguns autores que pesquisam jardins entrelaçados com memórias e narrativas. PICARELLI (2007), por exemplo, analisa jardins domésticos, especificamente o que ele denomina de “jardins de mistura” (mistura de variedade de plantas, mistura de diferentes recipientes, muitos destes reciclados) e a possibilidade desses jardins “de mistura” estar interligados com a forma de pensar e viver dos indivíduos. SANTOS (2015) destaca os “jardins de memória” com seu papel evocativo de lembranças de pessoas falecidas, e MATUCHAKI (2020), faz uso de narrativas para entrelaçar a história de vida de Dona Dilá com suas esculturas ornamentadas com conchas, implantadas em um jardim doméstico.

2. METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada baseia-se na história oral e em suas diferentes abordagens que, segundo PORTELLI (2016, p. 18), trata da “história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória”, não sendo a memória “um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significados.” A partir dessa perspectiva, o instrumento de coleta de dados utilizado foi uma entrevista semiestruturada contendo 9 (nove) questões com os seguintes temas: jardim na infância, plantas ornamentais, flores em casamentos e funerais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora os resultados ainda sejam preliminares, alguns aspectos se destacaram nas respostas obtidas, entre eles: a precocidade do trabalho feminino nos jardins domésticos, bem como ser uma tarefa em grande parte destinada às mulheres. Também, ressaltaram-se nas narrativas alguns tipos de plantas ornamentais por serem portadoras de significados afetivos para as entrevistadas,

tais como: a crista de galo, o copo-de-leite e o aspargo ornamental e, ainda, a dália, utilizada para enfeite em sepulturas.

Para pensar essas questões mobilizaram-se, a partir da pesquisa bibliográfica, alguns conceitos de memória e identidade. Quando as entrevistadas narram fatos do seu itinerário biográfico percebe-se, a partir de BERGSON (1999), que pode ser devido a uma ativação gerada no presente (no contexto dialógico da entrevista), mas compreende-se que se trata de “algo” que concerne ao passado, mesmo ocorrendo no presente, pois segundo BERGSON (1999), a lembrança ao ser evocada, passa do estado virtual para algo que imita a percepção, contudo permanece presa ao passado, em um estado presente, que ao mesmo tempo se destaca desse presente.

A partir de HALBWACHS (1990), percebe-se que as entrevistadas ao se recordarem de suas infâncias não estão sozinhas, mas acompanhadas, em suas lembranças, por familiares e outras pessoas que fizeram parte daquele contexto recordado e com os quais compartilharam valores e visões de mundo. HALBWACHS (1990, p. 11), expõem que as lembranças são coletivas e “elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos”, pois “nunca estamos sós.” Assim, para HALBWACHS (1990, p. 26): “Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.”

Já as identidades culturais envolvem “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8, grifo do autor). Ainda, de acordo com CANDAU (2011, p. 105-106), o homem é um ser social e a constante transmissão “de conhecimentos entre gerações, sexo, grupos etc. lhe permite aprender tudo ao longo da sua vida e, ao mesmo tempo, vem satisfazer seu instinto epistêmico” e a partir “dessa aprendizagem [...] esse homem vai construir sua identidade”. Considerando esses conceitos, observa-se, nas narrativas das entrevistadas, que a troca de plantas pode ser compreendida como uma prática cultural presente em suas vidas, bem como a transmissão familiar de conhecimentos a respeito de se cultivar um jardim. Esse senso de pertencimento a uma cultura que se reflete na elaboração de jardins domésticos parece ser compatível com a criação de um senso identitário das entrevistadas com sua comunidade.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho, ainda em andamento, tem demonstrado que o estudo sobre jardins domésticos tem potencial relevante para compreender práticas culturais cotidianas que muitas vezes passam despercebidas na rotina acelerada das pessoas. As lembranças afetivas sobre os jardins domésticos representam modos de vida, valores e formas de se relacionar com o meio ambiente em determinado momento histórico. Além disso, essas recordações associadas a determinados tipos de plantas ornamentais, que fizeram parte da história pessoal e familiar dos sujeitos, contribuem para a perpetuação de um legado que se expressa na continuidade do cultivo delas no jardim.

Por fim, ao compartilhar plantas com outros moradores, laços familiares e sociais são reforçados, novas lembranças são agregadas, favorecendo a afirmação de um senso de pertencimento e identidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MATUCHAKI, G. P. R. **Dona Dilá e seu jardim de conchas do mar**: memórias, experiências e sensibilidades (Criciúma/SC). 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/7942>. Acesso em: 13 ago. 2025.

PICARELLI, A. **Jardins de mistura**: imagens e memórias. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/397073>. Acesso em: 13 ago. 2025.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, A. S. **Morte e paisagem**: os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Paisagismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-08092015-143806/>. Acesso em: 11 ago. 2025.